

DIAGNÓSTICO DA HEVEICULTURA NO ESTADO DO TOCANTINS (PARTE 2)

Elaine Cristine Piffer Gonçalves

Pesquisadora Científica da APTA Regional de Colina/SAA-SP
elaine.piffer@sp.gov.br

Marli Dias Mascarenhas Oliveira

Pesquisadora Científica do Instituto de Economia Agrícola/SAA-SP
marlimascarenhasoliveira@gmail.com

Arlete Leite Lima

Extencionista Rural – Secretaria de Agricultura e Pecuária do Tocantins
arlete.leite@gmail.com

Fernando Dorta Mendes de Souza

Engenheiro Florestal – Secretaria de Agricultura e Pecuária do Tocantins
fernandoflorestal@hotmail.com

DIAGNÓSTICO DA HEVEICULTURA NO ESTADO (OU OBSERVAÇÕES FEITAS APÓS LEVANTAMENTO)

Seringais em fase de formação

Durante as visitas às propriedades, além dos dados levantados no escritório e nas entrevistas, fomos à campo, para ver a realidade, as dificuldades, o modo de implantação e manejo utilizado, e o dia a dia de cada produtor, o que nos permitiu identificar alguns gargalos, dúvidas e erros tanto no processo de implantação como no de sangria (extração do látex). O estado, fica muito distante de outras regiões produtoras e notou-se que existem poucos técnicos com vasta experiência com a cultura para atender às demandas do setor. A parte de abertura de painel e balanceamento, dentro do que foi visto, estão sendo feitas sem orientação adequada e há necessidade de mão de obra especializada e, o treinamento de pessoas, foi identificado como principal gargalo no futuro. Além disto, os equipamentos necessários para sangria (Bernardes, 1995): bandeira, bicas, canecas, arame, caixas plásticas, facas de sangria e outros não são facilmente encontrados na região, precisando serem encomendados em outros estados. Fato que se repete com relação aos insumos e produtos utilizados para a cultura (Gonçalves, 2001).

As condições de clima e solo são bem diferentes e todos os produtores tiveram problemas sérios com escaldadura nas diferentes regiões de plantio. Já nas primeiras visitas realizadas logo após o início do projeto, foi identificado o problema da escaldadura e, em algumas propriedades onde o problema estava bastante grave, foi passado tratamento para ser realizado nas plantas, visando a

recuperação das mesmas, juntamente com recomendação de adubação, nestas áreas mais atingidas. Com a continuidade do projeto e em futuras visitas nestas propriedades pudemos ver os resultados das áreas tratadas. Vários plantios foram feitos em áreas de cascalho, e/ou solos de baixa profundidade, não recomendadas para plantio de seringueira (Gonçalves et al, 2010), pois nestas áreas a raiz pivotante não consegue se desenvolver e garantir a sustentação da planta no solo, bem como, buscar água em profundidade garantindo a melhor sobrevivência das árvores nos períodos de seca.



Figura 9 e 10: Efeito da escaldadura nas plantas; Cicatrização e recuperação após tratamento.

Foto: Equipe do projeto

Algumas lesões já fecharam quase 10 cm e outras na totalidade.

Ainda na parte de implantação e manutenção do seringal, foi verificado que a maioria dos produtores não tiveram recomendação correta sobre: replantio das plantas (idade ideal e principais cuidados para que estes consigam se desenvolver rapidamente garantindo a homogeneidade dentro dos seringais), controle de pragas e doenças (por falta de conhecimento das principais pragas e doenças e produtos usados para controle), controle de plantas daninhas e adubação e nutrição das áreas.



Figura 11: Áreas com cascalho – suscetíveis a vento. Algumas plantas com enovelamento de raiz. Foto: Equipe do projeto

Visita a campo: ensinando pessoal a reconhecer o percevejo de renda.



Figura 12: Identificação de percevejo de renda na área

Foto: Equipe do projeto



Figura 13: Sintomas causados pelo percevejo de renda

Foto: Equipe do projeto



Figura 14: Percevejo de renda

Foto: Equipe do projeto

Muitos seringais visitados apresentavam problemas de desuniformidade de plantio, O desenvolvimento das plantas estava bem heterogêneo devido à prática de replantios tardios e a utilização de mudas desuniformes. Nestas áreas foi feita recomendação de adubações diferenciadas para que os replantios e mudas menos desenvolvidas, tivessem condições de alcançar o desenvolvimento das demais plantas, para que quando o seringal tivesse idade para iniciar a sangria, houvesse o maior número de plantas possível dentro dos padrões técnicos para entrada em sangria. Quando uma baixa porcentagem de plantas dentro do talhão entra em sangria, o sangrador precisa percorrer grandes distâncias e o rendimento das atividades, bem como a produção fica comprometida.



**Figura 15 e 16: Erro na implantação (espaçamento não uniforme entre plantas); Plantios desuniformes devido à replantios tardios e utilização de mudas desuniformes.
Foto: Equipe do projeto**

Produtores que procuraram orientação correta e utilizaram mudas de melhor qualidade garantiram a homogeneidade do seringal e precocidade das plantas para entrada em sangria.

Em algumas áreas estava havendo morte de plantas e secamento em reboleira e os heveicultores estavam com dificuldade de identificar os patógenos responsáveis e quais produtos deveriam ser usados para controle das doenças.

Seringais em fase de exploração

Na parte de abertura de painel e sangria, foram identificadas algumas falhas com relação aos critérios técnicos para entrada em sangria, altura de abertura do painel, altura de balanceamento, falhas nas avaliações de sangria e no tratamento de fungos de painel. Para a entrada em sangria as plantas precisam ter no mínimo 45 cm de perímetro à 1,30 metros de altura do solo e, ter no mínimo 6 mm de espessura de casca. Os heveicultores entrevistados e visitados, não mediram a espessura de casca, somente o perímetro das plantas e muitas vezes em altura inferior à 1,30 m do solo, onde os valores geralmente são mais altos e não condizem com a realidade, onde os painéis serão abertos.

Figura 17- Demonstrando para os produtores os critérios técnicos para colocar seringal em sangria. Foto: Equipe do projeto



Figura 18 e 19: medição com paquímetro; Balanceamento feito de forma errada

Além disto, a abertura de painel, se recomenda que seja feita à 1,30 ou 1,40 metros de altura do solo, parte alta do painel (Goncalves et al, 2022), pois no terceiro ano de sangria, recomenda-se que seja feito o balanceamento. Vários seringais visitados, fizeram a abertura dos painéis em alturas de 1,50 a 1,60 metros do solo, o que dificulta o balanceamento pois este terá que ser feito muito alto e muitas vezes as plantas estão finas e não tem casca suficiente para serem sangradas nesta altura, resultando em inúmeros ferimentos de sangria e baixa produtividade.

Em outras áreas, a abertura foi feita na altura recomendada, porém, o balanceamento de painel, e a sequência de sangria dos painéis não foi bem planejada e orientada, levando ao anelamento de plantas em seringais ainda jovens.

A implantação, formação e exploração dos seringais no estado do Tocantins se deu por parte do empreendedorismo dos produtores e pelo desejo de diversificação de culturas dentro do estado, porém existiu uma clara deficiência na parte de orientação técnica nas diferentes regiões visitadas;

O estado do Tocantins possui características muito diferenciadas, sendo que a distância entre as propriedades e os Polos produtores dentro do estado, é uma delas, este simples fato dificultou a troca de experiências e informações entre os heveicultores.

Com relação a situação encontrada nas propriedades visitadas pela equipe do projeto é possível recomendar algumas propostas que visam solucionar gargalos e dificuldades na cultura da seringueira no estado do Tocantins. Abaixo algumas delas:- Treinamento de técnicos do Governo e extensionistas para atuarem nas diferentes regiões produtoras;

- Parcerias com Instituições de Pesquisa de outros estados produtores para viabilizar estes treinamentos;
- Realização de Cursos, Palestras e Dias de campo para orientar e direcionar os produtores;
- Capacitação de mão de obra para sangria nas diferentes regiões produtoras (um dos maiores gargalos);
- Capacitação de Gerentes e Técnicos para reconhecimento e monitoramento das principais pragas e doenças do seringal e seu controle;
- Capacitação de Gerentes e Produtores sobre Gerenciamento do Seringal;
- Implementação de metodologias de avaliação de sangria: rotina diária e qualidade de sangria;
- Cursos sobre os fatores que interferem diretamente na produção e na longevidade do seringal;
- Realização de treinamento para produtores: Como Gerenciar a distância seu seringal;

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNARDES, M. S. **Manual de sangria da seringueira**. São José do Rio Preto: Bridgestone/Firestone do Brasil, 1995. 20p.

GONÇALVES, P. de S. et al. **Manual de heveicultura para o Estado de São Paulo**. Campinas: Instituto Agrônomo, 2001. 78p.

GONÇALVES, E. C. P.; MARTINS, A. L. M.; MARTINS, L. **Passo a passo para colocar o seringal em sangria**. Pesquisa & Tecnologia, vol. 19, n. 2, Jul-Dez 2022.

GONÇALVES, E. C. P.; MARTINS, A. L. M.; MARTINS, L. **Balanceamento do seringal**. Pesquisa & Tecnologia, vol. 19, n. 2, Jul-Dez 2022